

BREAKFAST IN AMERICA É SÓ UM “MATA-BICHO À AMERICANA”?

M. Helena A. G. Anacleto

I. PROPOSTA PARA UMA NOBILIDADE TRADUTIVA

Breakfast in America foi um disco marginal que esteve no centro das atenções da geração europeia e norte-americana que atingiu agora a casa dos trinta, quarenta anos de idade. De um grupo da era do vinil, tão assumidamente marginal que escolheu para seu nome “SuperTramp”, a letra da faixa que deu o título ao disco, *Breakfast in America*, será comparativamente analisada com a sua tradução, aliás criada para o efeito.

A criação de uma tradução lírica é deveras um desafio, constituindo uma tipologia à parte dentro da tradução literária. É assumidamente reconhecido por tradutores de todas as eras e áreas de trabalho que a tradução literária é uma das mais complexas, pois a dimensão semântica polissémica de determinados vocábulos ou expressões que comportam conotações interpretativas e/ou dimensões simbólicas ao texto literário é uma constante. É mesmo essa a natureza do discurso literário: a construção interpretativa que o leitor faz do texto provém da riqueza dos termos e da sua rede de relações conotativas que provoca o prazer da leitura.

A tradução literária de um conto parece-me ser “menos nobre” dentro da tradução literária *latu sensu*. Passo a explicar porquê: a unidade do conto é, em termos de número de palavras, a mais económica da tipologia literária. Mas a tradução de um conto pode (e certamente é o que acontece) oferecer menos desafios de investigação tradutológica do que a tradução de um romance ou de uma novela, devido não só à curta extensão do texto, mas também, e sobretudo, devido à relativa e menor complexidade interpretativa que as relações inter-palavras nas construções frásicas e nos segmentos de sentido poderão oferecer.

Na realidade, a dimensão simbólica de um romance ou novela é nitidamente superior à do conto, tornando-se assim um desafio maior para o

tradutor que se propõe traduzir ou até retroverter um romance ou novela, preterindo a tradução de um conto.

Temos assim que, numa “cadeia de *nobildade* de tradução”, (termo que proponho mas que é discutível e portanto não postulável como sendo perfeito na totalidade), o conto traduzido é o “menos nobre” e o romance e a novela são “mais ou menos nobres” nas suas dimensões tradutivas. No topo da “*nobildade* tradutiva”, está, quanto a mim, a Poesia.

Na realidade, a Poesia, quer seja de natureza intimista ou concreta, quer seja exclusivamente subjectivista ou de carácter interpretavelmente realista, pode e deve ser traduzida. Não partilho em absoluto dos pudores tradutológicos de alguns tradutores literários que se dizem “atrever” a traduzir um conto, uma novela ou um romance, “mas Poesia, isso é que não”. Reconheço que a métrica, a rima, o ritmo, a dimensão fónica ou de pronúncia, possam oferecer dificuldades acrescidas ao tradutor literário; no entanto, essas dificuldades devem ser vistas como estímulo a um desafio superior e não como obstáculos intransponíveis.

II. RETROVERSÃO VERSUS TRADUÇÃO LITERÁRIA?

Se atentarmos na natureza do trabalho tradutológico, temos de considerar que é, também ele, um trabalho menos complexo do que aquele que um retrovertor terá de fazer. Trata-se de traduzir da Língua de Partida (LP) para uma Língua de Chegada (LC) que não é a língua materna do tradutor. Mas será este um óbice para o seu trabalho? É óbvio que não é, pois um bom tradutor deverá ser igualmente proficiente nas duas línguas – pelo menos numa situação ideal. Embora um tradutor deva estar bem apetrechado linguisticamente para dominar os seus textos de partida e conceber os seus textos de chegada, é fundamental distinguir as áreas: se acerca da tradução literária muito se pode dizer, acerca da tradução técnica e científica, também. No caso da tradução técnica, em concreto, há a apontar que a questão das equivalências, tal como é proposta pela maioria dos críticos tradutivos, é muito mais óbvia do que no caso literário. A saber, a transposição de uma LP para uma outra LC é muito mais directa, pois um vocábulo costuma ter apenas um equivalente ou um número reduzido de equivalentes. No texto literário, há uma necessidade de escolha mais criteriosa ainda. Ou seja, a ajuda de glossários, quer em suporte de

papel que o tradutor vai compilando a partir de todas as suas tarefas tradutológicas, quer aos que ele vai tendo acesso em linha, não é tão imperiosa como no caso da tradução de um manual técnico ou de um artigo científico. As traduções jurídicas e económicas configuram uma necessidade intermédia de glossários, isto é, há termos de equivalência directa e, por isso, os glossários são fundamentais. Porém, tal como os próprios sistemas culturais, económicos e principalmente jurídicos são diferentes, também os glossários não conseguem responder a necessidades *ipsis verbis*, que são mais facilmente resolúveis no caso da tradução técnica e mesmo científica.

Mas reflectia sobre a tradução e a retroversão. É fundamental notar que a tradução é notoriamente mais fácil que a retroversão, pois na retroversão há uma transposição de personalidade do tradutor. Isto é, o tradutor de uma língua materna X tem de se “pôr na pele” de um determinado falante da língua Y. Isto implica como que um processo mental de “re-encarnação”, como se se tratasse de um intérprete. Este processo tem tanto de criativo, quanto de potencialmente patológico, já que, se por um lado, tem a ver com a riqueza de uma *performance*, como se de um actor a desempenhar um papel no palco se tratasse, por outro lado, há uma nítida característica que ronda as raias da esquizofrenia patológica. Um bom tradutor deve estar acima de todas estas problemáticas acerca das quais os bons teorizadores das actividades tradutológicas gostam de discorrer; realmente, um tradutor profissional não tem tempo para reflectir sobre o acto tradutivo, ela ou ele têm é de produzir um texto coerente, que responda às necessidades do cliente que os remunerará, mais ou menos generosamente, mais ou menos atempadamente, consoante as cláusulas que o tradutor impõe quando aceitou tomar conta da encomenda de tradução. Os processos mentais de um bom tradutor têm de ser tão versáteis quanto as suas actividades são variáveis: o tradutor é um ser polivalente, que hoje de manhã pode estar a traduzir um texto de contabilidade, um relatório de um parecer económico vindo de uma empresa americana, por exemplo, e logo de tarde pode ter de acompanhar em missão de interpretação um empresário alemão que se deslocou a uma feira de exposições; amanhã de manhã, esse mesmo tradutor poderá começar a traduzir um manual de instruções de uma máquina cortadora de metal, por exemplo, e, para variar o seu trabalho, de tarde, lança-se num projecto de tradução literária mais criativo ainda. Este é um cenário real: no princípio de carreira, um bom tradutor não pode ser muito

crerioso nas suas recusas de trabalho; pelo contrário, os tradutores que se lançam no mercado devem aceitar qualquer tarefa de tradução, desde que esteja ao seu alcance fazer um bom trabalho e satisfazer o cliente. Só quando criar nome no mercado é que um tradutor se poderá dar ao luxo de escolher as suas encomendas de tradução e de retroversão e delegar os trabalhos que não lhe agradam em assistentes de tradução ou estagiários que contrata para o efeito. É claro que, neste segundo caso, o tradutor que é um bom gestor da sua empresa de tradução deverá rever muito criteriosamente o trabalho de tradução dos seus assistentes mais inexperientes, pois se o trabalho de revisão é sempre importante, torna-se fundamental quando se trata de colmatar lacunas provocadas pela inexperiência ou pela menor exposição a tarefas de tradução que os principiantes necessariamente terão.

III. TRADUÇÃO E RETROVERSÃO DAS LETRAS DE CANÇÕES: UM GRANDE DESAFIO

De acordo com o conceito de “*nobildade* tradutiva” já proposto e na mesma linha de pensamento, considero que há uma *nobildade* tradutiva da lírica que é superior à *nobildade* tradutiva da ficção. Quando se trata de Poesia, há um desafio significativo para o tradutor que quer produzir um texto, mais ou menos fiel, àquele que o poeta engendrou. A questão da fidelidade no que toca à tradução de Poesia é para nós muito discutível. Imaginemos a seguinte situação: o poeta A produz um poema (P), resultado da sua inspiração e da sua capacidade de engendrar um poema que é um jogo fónico, métrico, rimático, ritmado – é ele ou ela o autor; o tradutor B, além de ser o autor da sua tradução, ainda tem o trabalho da transposição da LP para a LC. Ou seja, além de poeta, deve ser linguista na sua actividade de tradutor. Trata-se de uma tarefa que requer uma perspectiva polifacetada, multidisciplinar e, portanto, mais completa. No fim do trabalho tradutivo do tradutor B, o texto traduzido (TT) deverá ser “fiel” ao texto produzido por A? Deverá, pelo contrário, assumir-se como entidade distinta de P? Afinal de contas, o TT e o P pertencem a sistemas linguísticos diferentes, como no caso concreto que passarei brevemente a ensaiar, onde P é em inglês e o nosso TT é em português. E não é só uma questão de os sistemas linguísticos serem diferentes; temos de considerar que o texto poético se constrói também, e sobretudo, não só com a subjectividade do poeta que escreveu, mas com a subjectividade do leitor que o está a ler – afinal,

para que serve um Poema? Serve na medida em que provoca prazer no leitor, tal como outras formas de arte. Serve na medida da sua actualização através da leitura, interpretação e extrapolação conotativo-interpretativa de que o leitor é detentor na sua especificidade de indivíduo. As memórias e as ideologias de cada leitor são diferentes e, por isso, as interpretações são também diferentes. Quando se fala da interpretação do Poema P e do seu texto traduzido TT, a problemática da fidelidade complica-se: os sistemas individuais já são de si diferentes; quando se trata dos sistemas linguísticos, eles também são diferentes – a interpretação do TT terá de ter em conta a memória colectiva de toda uma comunidade linguística, de todo um povo falante da mesma língua, que é diferente do povo que produziu o poeta, que por sua vez produziu o poema P. Então, na discussão da necessidade de fidelidade na transposição linguística de P para TT (ou na negação dessa fidelidade), adoptei uma posição reservada, por me parecer que, de facto, essa é uma falsa questão – não se trata de necessidade, trata-se antes de possibilidade, ou não, dessa fidelidade. Na realidade, e como pretendo demonstrar em seguida, temos de ter em conta que a fidelidade tem a ver com a traduzibilidade ou intraduzibilidade de poemas. Há poemas mais factuais, na sua escolha de vocábulos vernaculares, que apresentam uma dificuldade que lhes é específica; há poemas que pertencem aos chamados *ismos* – realismo ou concretismo. Também têm dificuldades tradutivas que lhes são inerentes. Passar um texto de uma língua para a outra assim o exige. Então, qual é o enquadramento da tradução de poemas musicados no panorama da tradução lírica em geral e na problemática que tenho vindo presentemente a expor?

Por vezes, e por necessidade de mercado, o tradutor português tem de traduzir letras de canções de inglês para português. O caso específico de filmes destinados ao mercado infantil, por exemplo, é assinalável. Referimo-nos em concreto aos filmes de Anime japoneses, ou, mais próximo de nós, os filmes das produções Walt Disney. Um caso muito recente é o de “Planeta Encantado”, exibido nos cinemas portuenses há muito pouco tempo.

A nossa escolha do álbum discográfico *Breakfast in America* prende-se com factos de natureza distinta. Se, por um lado, houve uma escolha subjectiva deste álbum, já que em adolescente fui apreciadora do grupo SuperTramp, por um outro lado, a edição recente em Portugal de um disco-compacto do tipo “Best Of”, decerto um prazer para as gerações mais novas, assim o justifica.

Quanto às tendências musicais deste grupo rock, o crítico musical francês James Petit afirmou: “[les] influences pop, jazzy et progressives se mêlent dans des compositions imparables, aux arrangements particulièrement bien sentis, illustrant une vision plutôt ironique des Etats Unis.”

É preciso referir a necessidade do conhecimento das culturas das línguas de partida e de chegada para que o agente translatório, vulgarmente chamado “il traduttore”, consiga apresentar um produto final fiel ao original e ao mesmo tempo criativamente significativo para o público da língua de chegada. Estas reflexões partem de uma perspectiva (infelizmente já não tão?) marginal... Tal como os SuperTramp eram marginais, o seu público por excelência assumia-se também ele como marginal, ou, pelo menos, de tendências não alinhadas.

Mas será que o poema da faixa discográfica de *Breakfast in America* dos SuperTramp será mesmo só “Um almoço-pequeno na América”? Um pequeno-almoço na América, na realidade é diferente de um pequeno-almoço em Portugal; o menu tradicional português será composto por uma chávena de café com leite e uma torrada com manteiga dos dois lados. Este conceito é muito mais alargado nos Estados Unidos: um verdadeiro *breakfast* pressupõe um bom copo de sumo de laranja, um café fraco numa chávena grande, ovos mexidos com bacon frito; as variantes possíveis são *French toast* ou flocos de aveia, ou panquecas com molho doce. Como se vê, a evocação cultural nos dois leitores, português e norte-americano, é diferente. O “mata-bicho” português, assim chamado no país profundo, é um copinho de aguardente, o qual, embora já a entrar em desuso nas aldeias portuguesas devido às campanhas anti-alcoolismo, é dificilmente comparável ao conceito do *Breakfast in America*. Metaforicamente, os SuperTramp comeram a América, deglutindo as suas incoerências e, numa perspectiva irónica, não ficaram propriamente “a chorar por mais”, para usar uma expressão bem portuguesa.

As evocações gastronómicas que os títulos exercem na mente dos públicos receptores são diferentes, porque os arquétipos mentais e socio-culturais de “pequeno-almoço” são muito distintos – o quebrar do jejum à americana não é propriamente um “matar o bicho” à portuguesa.

Breakfast in America é uma criação cultural da tantas vezes intitulada com desprezo “pop culture” que critica a sociedade americana urbana estabelecida dos anos 70 do século passado. Proponho que os leitores façam uma análise

contrastiva do poema original de uma das faixas mais passadas na rádio e da sua tradução, aliás criada para o efeito, e que transcrevo de imediato:

| Breakfast in America | Mata-bicho americano |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| Take a look at my girlfriend | Olha p’rà minha miúda |
| She’s the only one I got | É aquela que eu tenho |
| Not much of a girlfriend | Não que preste p’ra muito |
| Never seem to get a lot | Ela nunca ‘stá contente |
| Take a jumbo cross the water | Vai p’rò outro lado do Mundo |
| Like to see America | Quero ver a América |
| See the girls in California | Ver as miúdas na Califórnia |
| I’m hoping it’s going to come true | Eu ‘spero que se realize |
| But there’s not a lot I can do | Mas não há muito a fazer |
| Could we have kippers for breakfast | – Dá-me bolinhos ao almoço |
| Mummy dear, Mummy dear | Qu’rida Mãe, qu’rida Mãe |
| They got to have ‘em in Texas | Há muitos no Texas |
| ‘Cos everyone’s a millionaire | Porque todos são ricos |
| I ‘m a winner, I’m a sinner | Eu ganho, eu peço |
| Do you want, my autograph | Se quiseres dou-t’o autógrafa |
| I’m a loser, what a joker | Eu perco, mas que gozo |
| I’m playing my jokes upon you | Eu ‘stou a gozar é contigo |
| While there’s nothing better to do | Sem nada mais que fazer... |
| Don’t you look at my girlfriend | Não olhes p’rà miúda |
| She’s the only one I got | É aquela que eu tenho |
| Not much of a girlfriend | Não que preste p’ra muito |
| Never seem to get a lot | Ela nunca ‘stá contente |
| Take a jumbo cross the water | Vai p’rò outro lado do Mundo |
| Like to see America | Quero ver a América |
| See the girls in California | Ver as miúdas na Califórnia |
| I’m hoping it’s going to come true | Eu ‘spero que se realize |
| But there’s not a lot I can do. | Mas não há muito a fazer |

(LyricsFreak.com)

James Petit comentou também quanto a Roger Hogdon e Richard Davies: “[...] entre le sens de la mélodie du premier et la maîtrise du rythme et des

arrangements du second aura été la clé magique de ce *Breakfast in America* de légende”.

Numa entrevista publicada na Internet, Richard Davies afirmou quanto à escrita das letras das canções:

[...] when you are doing lyrics for example, sometimes I do lyrics without really knowing what I'm writing about. Just basing it on if the line works, and then – it's almost like a subconscious thing – and then you sort of build it up from that, and then you try to find lines that would match something you'd liked but you weren't sure what it meant. It's kind of... so there's a few kind of slightly abstract things on this record, that are just done around lines that seem to work, as opposed to any deep meaning to them.

Um autor de letras de canções pode dar-se ao luxo de afirmar que a criação lírica é algo “que tem a ver com o subconsciente”; o tradutor do poema musicado tem, pelo contrário, de estar consciente quando faz a tradução desse mesmo poema. Foi isso que tentei fazer quando produzi uma possível tradução da faixa de *Breakfast in America*.

O título escolhido é bastante polémico: porque não simplesmente “Pequeno-almoço na América”? Exactamente por as evocações psicológicas e emotivas suscitadas no leitor e na tradução serem diferentes daquelas que são provocadas no leitor do poema de partida, pois ambos possuem uma herança cultural diferente.

De notar que a tradução lírica de *Breakfast in America* privilegiou o seu enquadramento na música com o ritmo, esquecendo um pouco a rima. Há desrespeito por equivalências de um poema para o outro, devido exactamente a essa causa – tentou-se enquadrar o poema português na melodia original da faixa dos SuperTramp.

“The lyrics on that [album] sort of, are really about these days [...]”, afirmou Rick Davies na entrevista já citada. De facto, esta faixa é ao mesmo tempo irónica e crítica da realidade americana e está directamente relacionada com a vivência do autor da letra em Los Angeles – daí a referência à Califórnia: “Well, I love the atmosphere of being out in this part of the world [Long Island – Estado de Nova Iorque], because it has seasons. The old cliché where people in L. A. miss the seasons and all that – that's true [...]”.

A tradução lírica é deveras um desafio que o tradutor deve encarar como uma possibilidade de exercício tradutológico fundamental, pois requer uma

grande disciplina tradutiva e um talento lírico que nem todos os tradutores têm coragem de ousar exercitar.

"I'll always love to write songs and just see what I can create", afirmou Rick Davies. O mesmo se aplica à criação de traduções líricas por parte do tradutor.

PÁGINAS CONSULTADAS

<http://www.amazon.fr/exec/obidos/ASIN/B000024RQV/>

<http://www.LyricsFreak.com>

http://www.supertramp.com/interview/2002jan_rick2.shtml